



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA
ÁREA DE LINGUAGENS E CÓDIGOS

Acadêmicos: Werley Narciso Alexandre

Otávio Bertiliano Charles

Orientador Prof^o Dr^o Glauber Glauber Romling da Silva

As narrativas sobre a canoa

OIAPOQUE

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRO-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA

WERLEY NARCISO ALEXANDRE
OTAVIO BERTILIANO CHARLES

AS NARRATIVAS SOBRE A CANOA

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito obrigatório para obtenção de grau de Licenciado do Curso Intercultural Indígena Universidade Federal do Amapá.

OIAPOQUE-AP

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRO-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA

WERLEY NARCISO ALEXANDRE
OTAVIO BERTILIANO CHARLES

AS NARRATIVAS SOBRE A CANOA

O presente trabalho de conclusão de curso foi elaborado seguindo todas as normas e propostas do PPC vigentes deste curso e foi julgado e aprovado pelos professores da Universidade Federal do Amapá, Campos Binacional de Oiapoque.

BANCA EXAMINADORA:

Professor Doutor Glauber Romling da Silva
Licenciatura Intercultural Indígena - UNIFAP
Programa de Pós-Graduação em Letras - UNIFAP
(Orientador - Presidente)

Professora Doutora Gelsama Mara Ferreira dos Santos Licenciatura Intercultural Indígena –
UNIFAP
Programa de Pós-Graduação em Letras - UNIFAP

Professora Mestre Jaciara Santos da Silva
Licenciatura Intercultural Indígena - UNIFAP
Aprovado em 02/05/2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRO-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA

WERLEY NARCISO ALEXANDRE
OTAVIO BERTILIANO CHARLES

AS NARRATIVAS SOBRE A CANOA

OIAPOQUE-AP
2022

Werley Narciso Alexandre

Otávio Bertiliano Charles

Capítulo 1 Introdução

Capítulo 2 Metodologia, documentação e abordagem

Capítulo 3 História: a origem da canoa

Capítulo 4 *Potá Dji Kanũ (Lasu Marakupi)*

Capítulo 5 Entrevista com o pajé

Capítulo 6 Considerações finais

Capítulo 7 Referências bibliográficas orais e outras referências

Capítulo 1 Introdução

Este trabalho tem como objetivo registrar, descrever e comentar alguns aspectos da cultura Galibi-Marworno em relação alguns textos tradicionais como: a história do surgimento da canoa e o potá da mesma, a partir da memória dos mais antigos. É necessário revitalizar os conhecimentos tradicionais e filosóficos sobre a canoa, pois hoje estão sendo esquecidos. Justificamos o uso desse tema para abordar este pedaço do pensamento indígena Galibi-Marworno por dois motivos: a canoa, como objeto, ainda é de uso cotidiano na comunidade nos momentos da pesca, de ir nas roças nos lugares mais distantes, ao mesmo tempo em que os mestres que fabricam canoas estão acabando.

A canoa é o meio de transporte dos Galibi-Marworno. Temos que não apenas conhecer sua origem tradicional, bem como sabermos como a canoa ocorre nas narrativas tradicionais e nos *pota*. Os *pota* podem ser descritos como pequenas falas-cantadas (e ‘assopradas’) direcionadas a alguém, muitas vezes, doente, como forma de ajudar na recuperação (Nunes & Forte, 2019; Vilhena, 2019). Os *pota* são executados, em geral, em situações que envolvem algum tipo de comunicação com os *karuan* (seres do Outro Mundo) De acordo com a Professora Edilena dos Santos (comunicação pessoal), os *pota* podem ser traduzidos como uma espécie de ‘terapia’. Para a Professora Edilena, o termo ‘reza’ ou ‘assopro’ é pouco adequado.

O *pota* da canoa é utilizado no momento em que a canoa é preparada para ser aberta. Um mestre que conheça o *pota* o entoa e defuma por inteiro a canoa que vai ser aberta. Essas transmissões de conhecimentos tradicionais são repassadas justamente na hora da fabricação da canoa, mais especificamente, no momento em que o tronco é queimado para amolecer e ser transformado em canoa (cf. figuras 1 a 6).

Até hoje a utilização do *pota* faz parte dos costumes dos povos da região do Uaçá. Há em curso um processo de valorização da nossa identidade como Galibi-Marworno e o resgate, estudo e manutenção dos *pota* e do que eles representam. Com o passar do tempo muito se perdeu. Pretendemos mostrar o valor das artes verbais Galibi-Marworno, a partir de uma temática viva no cotidiano, a canoa.

No restante deste capítulo (seção 1.1) apresentamos um breve histórico dos Galibi-Marworno, povo indígena a que pertencemos. No capítulo 2 mostramos como coletamos os textos aqui utilizados, como os organizamos e nosso método de análise e comentário. Nos capítulos 3, 4 e 5, nessa ordem, apresentamos a história tradicional de origem da canoa, a análise de um *pota* no contexto da fabricação da canoa e um resumo das principais questões feitas em entrevista com o pajé José Monteiro. A ideia é mostrar como o pensamento indígena, na sua forma de organizar o mundo e ver a natureza dos seres, aparece em textos tradicionais e comentar forma e conteúdo de sua expressão. No capítulo 6 fazemos algumas considerações sobre o que foi produzido.

1.1 Histórico do povo Galibi-Marworno.

Nosso povo Galibi-Marworno habita a Terra Indígena Uaçá, do Município de Oiapoque, Estado do Amapá, extremo-norte do Brasil. Hoje somos aproximadamente 2.553 pessoas incluindo as quatro aldeias anexas à aldeia Kumarumã: aldeia Arwatu, Flamã, aldeia Paramwaka e aldeia Kanaã. A aldeia Kumarumã, onde realizamos nossa pesquisa e onde moramos, tem um total de 2.420 pessoas, segundo o senso da Saúde do Pólo Kumarumã (DSEI, 2017).

Somos um povo falante da língua *kheuól*, desde quando perdemos nossa língua, conhecida informalmente como *galibi antigo* e que, muito provavelmente, pela semelhança, era a língua *galibi kalinã* de outra época da família linguística *karibe* falada por povos indígenas que vivem a Guiana francesa e Oiapoque. O

kheuól é uma língua de origem crioula com base na língua francesa. Desde o seu nascimento (século XVII, XVIII), o kheuól foi a língua de comunicação dos povos do Uaçá. Todo mundo galibi-marworno que habita na região do uaçá sempre falaram o kheuól. Quando a outra língua indígena galibi-marworno deixar de ser falada (no início do século XX, tempo dos nossos bisavós), o kheuól apareceu como língua de identidade para os Galibi-Marworno. Hoje a língua de comunicação da região do Uaçá é cada vez mais o português.

Quando os ancestrais dos Galibi-Marworno chegaram ao Uaçá se confrontaram com os Arakarê (Palikur) povo falante da língua que pertence à família linguística que já estavam nessa região. Segundo os mais velhos, houve um conflito entre eles na Montanha Tipoca, que fica no Uaçá. Na verdade, foram vários conflitos, mas a história tradicional conta como uma grande guerra entre os Karib e o Aruak da região na época colonial. O nome Galibi vem de uma pronúncia específica da palavra 'Karib' que é autodenominação do grupo que vivem no rio Oiapoque e dos índios do mesmo povo que vivem na Guiana Francesa.

Contam que os Arakarê usavam seus escudos mais pesados e mataram a maioria dos Galibi e depois fugiram para o rio Urukawá. Os Galibi ficaram no rio Uaçá, onde se misturaram com outros grupos indígenas, como Aruã, Maraone e outros povos Karib (Gallois & Grupioni, 2003), que também percorreram na região do Uaçá na época, pois as perseguições (por parte de indígenas e de não-indígenas) eram constantes na região. Certa época, a situação ficou mais tensa por causa de um pajé que se chamava Uruçu, muito poderoso. Fizeram de tudo para prender o pajé, mas não conseguiram. Em determinado momento, ele mesmo se entregou.

Os Galibi-Marworno formam um povo tranquilo e vivem, apesar do intenso contato com a sociedade envolvente, com sua cultura tradicional nas áreas da

pesca, caça, agricultura. Alguns, atualmente, exercem funções do governo do Estado. A maioria das pessoas da aldeia de Kumarumã trabalha na produção de farinha, outros vivem da pesca, artesanatos e de outros recursos. Hoje a comunidade modificou-se muito na parte de arquitetura das casas. Muitas são de alvenaria, já temos internet, celulares e também com essa forte tecnologia chegaram muitos motores de popa e voadeiras na aldeia, que hoje ninguém mais quer ter acesso às canoas de remos. Isso reforça nossa ideia de adotar a canoa como tema para explorar as artes verbais Galibi-Marworno.

Capítulo 2 Metodologia, documentação e abordagem

Esta pesquisa foi realizada na aldeia de Kumarumã. Entrevistamos um ancião e tivemos apoio de três professores da Escola Indígena Estadual Camilo Narciso, Jaciara Santos da Silva, Milton Galibi Nunes e Elson Forte Galibi. Trabalhamos com o pajé da aldeia de Kumarumã, o senhor José Andrade Monteiro (conhecido como Levém) de 91 anos de idade, que contribuiu com seu conhecimento tradicional sobre a canoa. O senhor José falou sobre a canoa a partir de três tipos de texto. No primeiro, ele nos relatou a origem da canoa; em

seguida, apresentou o *pota* que é utilizado em um determinado momento da fabricação da canoa; por fim, a partir do contato com esses dois primeiros textos, nós o entrevistamos para tirarmos dúvidas sobre os nossos comentários iniciais.

De acordo com o pensamento ocidental (do não-indígena), podemos classificar cada um dos textos, na ordem, como um texto narrativo do tipo monólogo (em que um só fala), um texto de fala-cantada poético e o terceiro, a entrevista, como um diálogo (em que dois falam). Essa classificação serve para fins didáticos de apresentação do material para finalidade acadêmica. Para o pensamento indígena não há essas categorias.

O primeiro texto narrativo serve como apresentação mais geral do universo cosmológico da canoa. Nele, o senhor José conta a história tradicional de origem da canoa. O segundo texto, o *potá*, apresenta a parte poética do seu universo. Para explorarmos e comentarmos o *potá*, aplicamos um método da tradição ocidental? conforme a natureza nos oferece na memória dos indígenas para a realização do potá, observamos forma e função. A forma se refere à tradução literal, palavra por palavra, da língua original o galibi antigo. A função busca entender a simbologia dos entes que aparecem no *potá*. O último texto, a entrevista, busca mostrar a visão do pajé sobre a interpretação dessas histórias e como elas refletiam o pensamento indígena. Recorremos muitas vezes à professora indígena da nossa aldeia na área de linguagens, Jaciara Santos Silva. Ela nos ajudou a explicar o pensamento indígena com as ferramentas de análise do não-indígena.

Para ilustrar o material da pesquisa de campo, tivemos apoio de dois professores indígenas, ambos trabalham na Escola Indígena Estadual Camilo Narciso, Professor Milton Galibis Nunes e Elson Forte Galiby. Eles contribuíram com as suas formações artísticas na parte de desenhos. Produziram sete desenhos (07) na produção do nosso trabalho.

Por fim, utilizamos outras fontes bibliográficas que já foram construídas sobre região e o povo do Uaçá. As fontes citadas são trabalhos de colegas desta Licenciatura Intercultura Indígena (Vilhena, 2019), (Nunes e Forte, 2019) e outros (Campetela *et alii*, 2017; Gallois & Grupioni, 2003; e DSEI, 2017).

NOMES	IDADE	FUNÇÃO	TIPO DE APOIO	DATA DO ENCONTRO
José Andrade Monteiro	91	Pajé	A origem da canoa	15/04/2018
José Andrade Monteiro	91	Pajé	Potá	16/04/2018
José Andrade Monteiro	91	Pajé	Entrevista	15/05/2018

Jaciara Santos Silva	39	Professora	Tradução e análise	05/01/2020
Milton Galibi Nunes	35	Professor	Desenho	29/11/2019
Elson Forte Galiby	33	Professor	Desenho	13/01/2020

As entrevistas foram feitas originalmente em kheuól, gravadas sempre no aparelho celular *Galaxy J7 Pro* e traduzidas por nós. Em relação às entrevistas fizemos um pequeno resumo comentado da fala do entrevistado, esse padrão foi inspirado no trabalho de Vilhena (2019, p. 24).

Capítulo 3 História: a origem da canoa

Neste capítulo apresentamos uma versão resumida da história tradicional sobre a Origem da Canoa e comentamos alguns elementos do pensamento indígena que podem ser exemplificados a partir da narrativa, como a ideia de “origem das coisas” e de “natureza dos seres”. Adiante, em negrito, apresentamos a nossa tradução em português e o original em kheuól:

O surgimento foi através de dois pássaros que se chamavam de compadre Mutum e outro de compadre Pato.

Um certo dia, os dois foram para uma grande festa. O compadre Mutum deixou a canoa dele lá na beira do rio. Quando os dois chegaram lá na festa, começaram a se divertir comendo e bebendo. Era já uma certa hora da madrugada e o compadre Mutum já estava porre. O compadre Pato, olhando que ele estava porre, saiu e seguiu em direção à beira do rio.

Quando ele chegou lá, viu a canoa e embarcou nela e foi embora. Quando o compadre Mutum chegou lá, na beira do rio, ele não encontrou a sua canoa, e falou:

- Poxa, as pessoas roubaram a minha canoa e então começou a chorar de madrugada. “- Urupunum!”¹, ele gritava, dizendo para trazerem trazer a canoa dele. Na verdade ele não estava chorando, mas cantando na beira do rio ou em cima dos galhos das árvores. Não conseguiu mais se deslocar porque o compadre Pato tinha levado a canoa e não devolveu.

Kumã puve pahet ixtua dji kanũ. I suge dji de zibie ki ka aple li dji kōpe oko e uat dji kōpe kanã.

Un bōju, ie tulede ale pu ghã fét, kōpe oko lese so kanũ obo lahivie. Kã ie hive la fét-la, ie kumase amize, mãje i bwe a té un sētē pwē jis bomãtekōpe oko i te deha su i kōpe kanã gade ki li te deha su, i sotxi, li alela djiheksiõ obo lahivie. Kã li hive laba, li ue kanũ-la, li bake ãdjidã i ale, kã kōpe oko hive laba obo lahivie, li pa ue so kãnu, li dji: Ui num-ie-la volo mo kãnu, li kumase khie bomate “urupunum” oko li te ka hele pu so kōpe pote so kãnu, mẽ lavehite i pa te ka khie, li ta ka xãte bonõ bomãte obo lahivie i ãle la blãx bwa, li ka viv a te mẽ pa hesi maxe, passe so kōpe kanã te ale ke kanũ-la i pa hãdel.

A primeira coisa que notamos é que a noção de *origem* passada na história é bem diferente de uma história de *criação* ou *invenção*. A origem refere-se à ideia de como a canoa “mudou” de dono inicialmente, passando do Mutum ao Pato. A mudança de dono ocorre a partir de um acaso ou de um erro inicial: o Pato bêbado rouba a canoa do Mutum. Podemos comentar que isso é bem comum no pensamento indígena: mudanças importantes no Mundo e na ordem cosmológica das coisas ocorrem por causa do erro ou da distração de alguém²³.

Por exemplo, segundo conta a história tradicional, o jamaxi e outros objetos tradicionais trabalhavam sozinhos antigamente. Isso acabou quando alguém riu

¹ No capítulo 5, o pajé Levém fala um pouco sobre o significado deste lamento-canto.

² Na mitologia cristã ocidental os seres humanos são expulsos do paraíso por causa do erro (tentação) de Eva. O erro de alguém também provoca mudanças em outras formas de pensar a cosmologia.

³ Cf. os trabalhos de Eduardo Viveiros de Castro sobre a noção de Perspectivismo Ameríndio.

desses objetos, a partir de então tudo mudou e nós tivemos de passar a trabalhar (Vilhena, 2019). Na mitologia cristã ocidental os seres humanos são expulsos do paraíso por causa do erro (tentação) de Eva. O erro de alguém também provoca mudanças em outras formas de pensar a cosmologia e a sobrevivência dos brancos, que passam a ter de trabalhar. A diferença é que no pensamento indígena o erro é “aleatório”, já no pensamento do branco, o erro inicial é causado pelo convencimento de outro ser, a serpente?

Um segundo elemento interessante fala sobre a natureza dos personagens. Mutum e Pato são aves. A história se passa no tempo em que os animais eram gente. Mutum e Pato eram gente, pois se *comportavam* como gente usavam canoa, se embebedavam e eram compadres, não por que tinham *forma* de gente. Daí, não causar estranheza o fato de o Mutum, um ser que pode voar, lamentar-chorar não conseguir mais se deslocar por causa do roubo de sua canoa por outro ser também voador, o Pato.

Essa história ilustra um movimento de afastamento entre humanos e animais muito encontrados no pensamento indígena: no início, os animais eram gente, depois passaram a ser um pouco menos. Na mitologia cristã ocidental, os humanos é que saem do estado animal e passam a ser gente. No próximo capítulo vamos analisar o texto de um *pota* e explorar um pouco a forma de organizar o mundo para o pensamento indígena. Vamos ver como um *pota*, que aqui tratamos como terapia, não serve apenas para humanos, mas para outros tipos de *gente*, como o tronco de inajá.

Capítulo 4 Potá Dji Kanũ (Lasu Marakupi, José Andrade Monteiro)

Neste capítulo vamos analisar e comentar o *Pota dji Kanũ (Lasu Marakupi)*, utilizado em determinado momento durante a fabricação da canoa, e explicar o passo a passo de sua confecção. A nossa análise foi feita observando dois tipos de

tradução. A tradução literal, em que traduzimos palavra por palavra todo o texto do *pota*. A maior parte das palavras vem do galibi antigo, com algumas poucas palavras em kheuól. E, em seguida, uma tradução simbólica a partir dos nossos comentários. O texto original cantado do *pota* está em negrito à esquerda; a tradução livre dada em kheuól pelo senhor José Monteiro está logo abaixo de cada linha; à direita em negrito, apresentamos a nossa tradução livre e aproximada para o português.

Pota Dji Kanũ (Lasu Marakupi)

Pota da Conoa, Inajaseiro

Marakupi, marakupi

Canoa, inajá

Kanũ, mahipa

Tutã karumbó

Pota, todo tipo

Pota tut kalite

Marakupi, marakupi

Canoa, inajá

Kanũ, mahipa

Tutã karumbó

Pota, todo tipo

Pota tut kalite

Ximoró ganĩ

Agonia

thumãte

Kuruatá

Canoa de inajá

Kanũ mahipa

Tutã Karumbó

Pota, todo tipo

(Pota) tut kalite

Ximoró ganĩ

Agonia

thumãte

Marakupi, marakupi

Kanū mahipa

Pota karumbó

Pota tut kalite

Kuruatá

Kanū mahipa

Ximoró ganĩ

thumãte

Pota karumbó

Pota tut kalite

Este *pota* é assoprado tradicionalmente na canoa, durante o processo de fabricação. O *pota* se repete algumas vezes. Primeiro o ancião recita os versos do *pota* quase em silêncio, depois assopra na canoa. Somente o senhor José conhece este *pota*, aprendido com o seu pai, o senhor Evaristo Monteiro. É um conhecimento que pode ser realizado somente na ocasião da fabricação de canoa, ou seja, não a qualquer momento. As figuras de 1 a 7 mostram esse processo.



Figura 1: cavada a camada grossa da canoa (Milton Galibis Nunes).

Canoa de inajá

Pota, todo, tipo

Canoa de inajá

Agonia

Pota, todo tipo



Figura 2: a canoa está em cima de estaleiro (Elson Forte)

Na figura 1, ilustra-se o processo em que a canoa está sendo cavada com um enxó para tirar a camada grossa da madeira, deixando-a oca pronta para ser aberta. Depois disso (figura 2), ela é preparada com varas e estacas em cima de um estaleiro (*xãtxe*). Debaxo dela há fogo para aquecê-la.

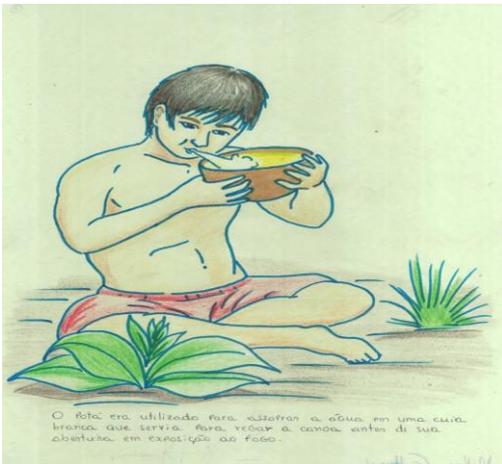


Figura 3: preparando a água na cuia com o potá da canoa (Milton Galibis Nunes).

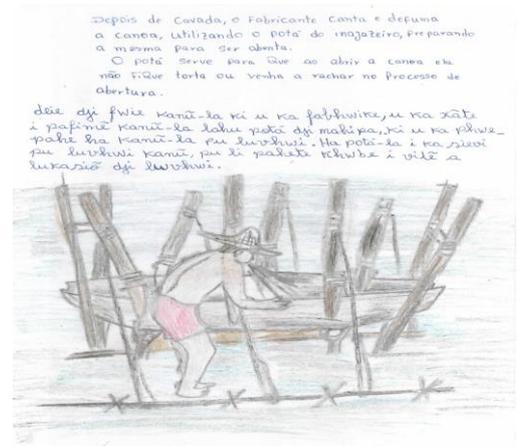


Figura 4: a canoa está sendo aberta (Elson Forte).

Quando tudo pronto está pronto, o pajé inicia o *pota* da canoa. A figura 3 apresenta o preparo da água com o *pota*, em uma cuia branca, para regar e esfriar a madeira durante o processo de empurra e abertura, a fase mais delicada e importante do processo de fabricação. O mestre canta e defuma a canoa, utilizando o *pota* do inajazeiro como preparação para a abertura da madeira. Nesse momento, o efeito do *pota* faz com que a canoa não fique torta ou rache durante o processo de abertura.

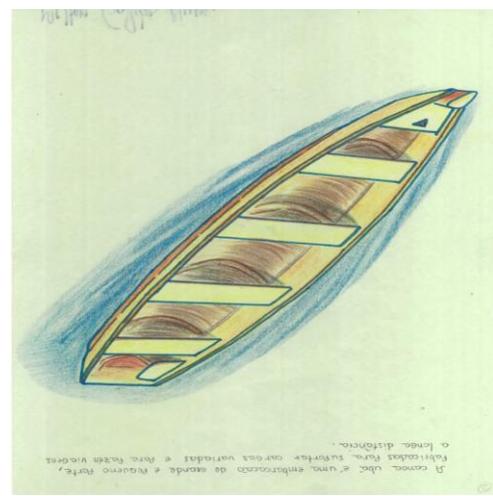
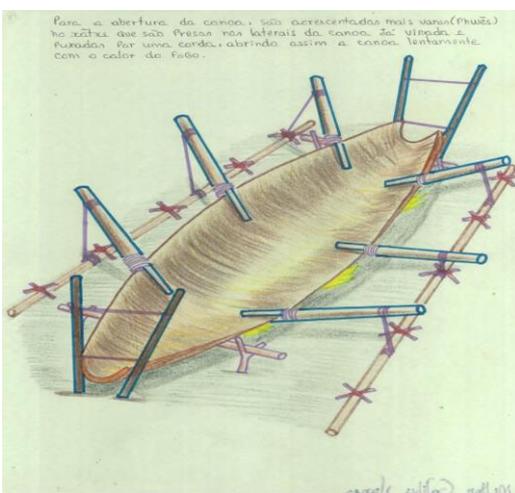


Figura 5: a canoa abriu lentamente (Milton Galibis Nunes)

Figura 6: canoa pronta sem nenhuma rachadura (Milton Galibis Nunes).

A figura 5 representa uma canoa que abriu lentamente sem nenhuma rachadura. Depois de tudo isso a canoa é acabada e finalizada (figura 6).

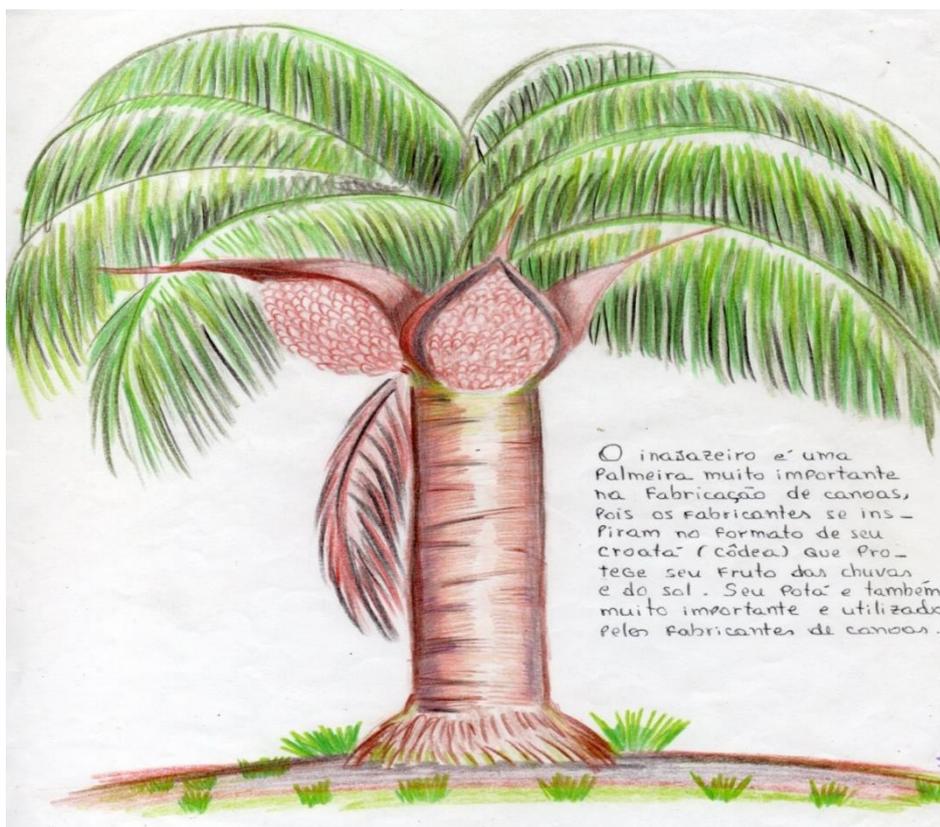


Figura 7: palmeira de inajá (Milton Galibis Nunes).

Todo o processo de fabricação da canoa é feito com o potá do inajazeiro (figura 7). O inajazeiro é uma palmeira muito importante na fabricação da canoa pois os fabricantes se inspiram no formato de sua casca que protege seu fruto da chuva e do sol. O *potá*, simbolicamente, tem essa mesma função de proteção.

O *Pota dji Kanũ (Lasu Marakupi)* tem poucas palavras e expressões que se repetem, são elas: *canoa, inajá, pota, todo tipo* e *agonia*. É importante destacar e repetir que o *pota* é uma ‘terapia’ (Edilena dos Santos, comunicação pessoal). O pajé direciona o *pota* para o tronco do inajazeiro, então, como ao corpo de uma pessoa que precisa de tratamento ou terapia, pois o tronco também é *gente*, de alguma forma. A chave de interpretação do texto é a palavra *agonia*, onde é o final e sempre fechado com a palavra *ximoroganî* que quer dizer “vai embora”, quando o assoprador manda embora aquilo que está fazendo mal ao seu paciente. É uma palavra de fechamento dos potá, usada pelos karipuna e pelos Galibi-Marworno (FORTE, 2021, pag 60). A *agonia* parte de quem/quê? Parte do tronco de inajazeiro que deve ser queimado para virar canoa. A *agonia* do inajazeiro faz parte do processo (como em um parto), o *pota* é apenas uma forma de amenizar a sua ‘dor’. Se algo der errado, o tronco pode rachar e impedir a finalização da canoa. Portanto, para o *inajá* virar *canoa*, o *pota* (de *todo tipo*) funciona como uma espécie de terapia para diminuir um pouco da *agonia* provocada pelo fogo necessário para a transformação acontecer.

Capítulo 5 Entrevista com o pajé

Neste capítulo apresentamos algumas perguntas relevantes que fizemos a partir dos questionamentos provocados pelos outros textos. As questões falam sobre os assuntos explorados neste trabalho: origem, natureza dos seres do mundo e o formato dos cantos. Fizemos o padrão da seguinte forma, colocamos as perguntas em negrito e as respostas em itálico, nossos comentários estão na formatação padrão.

WERLEY E OTÁVIO: **os seres humanos eram o que antes?**

JOSÉ ANDRADE: *os seres humanos eram seres humanos.*

WERLEY E OTÁVIO: **por que os pássaros mudaram ?**

JOSÉ ANDRADE: *porque antigamente os pássaros falavam como os seres humanos, mas com a transformação do novo mundo, deixaram de ser gente e passaram a ser animais.*

O pajé apresenta duas informações importantes sobre o pensamento indígena e a forma de separar os entes: os seres humanos sempre foram gente e nunca mudaram, os animais é que passaram a ser “menos gente”. Na visão do pajé todos os seres sobrenaturais eram gente como nós, todos tinham seus clãs, e viviam tranquilamente neste mundo. Com a transformação do mundo de antigamente para o atual, a vida/natureza desses animais mudaram. Por isso, hoje o pajé somente pode se comunicar com eles através de outra forma que somente eles entendem, através de sonhos e cantos (cf. Vilhena, 2019).

WERLEY E OTÁVIO: **o que é *urupunum*?**

JOSÉ ANDRADE: *Urupunum está na língua Galibi, aparece quando (o mutum) chamava (alguém) para trazer a canoa.*

Canto <i>Oko-la</i>	Canto O Mutum
<i>Wetó ia puturi (2X)</i>	?
<i>Fam kumě</i>	Mulher comadre
<i>Wriah wanã uri (2X)</i>	?
<i>Fam guelã fam</i>	Mulher gaivota mulher

Segundo o pajé, a palavra *urupunum* significa algo parecido com “traga a canoa” em galibi antigo, e é dita antes de entoar o canto acima (cf. capítulo 3). Este canto, parcialmente traduzido por nós, está em galibi antigo e em kheuól (versos que conseguimos traduzir para o português). A personagem que ocorre é, no caso, representada por mais uma ave, a gaivota. Ela mantém a mesma relação de

afinidade que o Mutum tem com o Pato, o compadrio, e reforça a ideia de que o universo da canoa tem como donos as aves.

WERLEY E OTÁVIO: Por que os pássaros são compadres?

JOSÉ ANDRADE: Porque antigamente, era comum chamar qualquer pessoa de compadre que seja da família ou parente de longe.

Os pássaros são compadres, pois o fato de fazerem tudo o que humanos faziam, inclusive estabelecer as mesmas relações de parentesco e afinidade.

Capítulo 6 considerações finais

Realizamos este trabalho com muito orgulho e atenção, porque é um estudo que precisa ser mostrado e divulgado para nosso povo e outros Povos da região do Uaçá. Um estudo que nos levou a conhecer conhecimentos profundos sobre a origem da canoa e sua relação com a natureza, caracterizando a canoa entre os potás e o inajazeiro nos momentos de sua fabricação. Trabalhamos com três textos diferentes para sermos didáticos: uma narrativa, um *pota* e uma entrevista.

O pajé Levém deixou registrado um pouco do seu conhecimento neste trabalho. Este estudo vai servir de base para materiais didáticos nas aulas de Língua Materna e de Cultura Indígena, além de ser fonte de pesquisa para os estudos das artes verbais indígenas.

Capítulo 7 Referências bibliográficas orais e outras referências

José Andrade Monteiro. 2018 – Origem da canoa – Aldeia Kumarumã

José Andrade Monteiro. 2018 – *Pota dji kanũ* – Aldeia Kumarumã

José Andrade Monteiro. 2018 – Entrevista com Werley Narciso Alexandre. Aldeia Kumarumã

7.1 Outras referências

CAMPETELA, C.; SANTOS, G.; SILVA, E.; SILVA, G. Documentação linguística, pesquisa e ensino: revitalização no contexto indígena do norte do Amapá. *Revista Linguística*, v. 1, n. 13, 2017. p. 151-167.

DSEI, 2017.

<https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/agosto/28/Caracterizacao-DSEIAmapa-Chamada-Publica-n-02-2017.pdf> [link acessado em 5 de novembro de 2019]

GALLOIS, D.; GRUPIONI, D. *Povos indígenas no Amapá e Norte do Pará: quem são, onde estão, quantos são, como vivem e o que pensam?*. Instituto Iepé, 2003.

NUNES. A.M, FORTE. Z. M. Pota Pu Fe Fam Akuxe Vit: Reza Para Fazer A Mulher Ter o Filho Mais Rápido. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura Intercultural Indígena. Orientador: Glauber Romling da Silva. Oiapoque, Universidade Federal do Amapá, 2019.

VILHENA, Erdeson dos Santos. *A Língua dos Karuãna*. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura Intercultural Indígena. Orientador: Glauber Romling da Silva. Oiapoque, Universidade Federal do Amapá, 2019.